

UM BANQUETE DISSIDENTE

Resenha de DIAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira e FÍGARI, Carlos (orgs.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

*Jorge Leite Jr.**

Doutor em Antropologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professor da Universidade Federal de São Carlos, pesquisador nas áreas de sexualidade e gênero com estudos sobre pornografia, travestis e transexuais.
E-mail: jcabelo@uol.com.br

No final do século XVIII, alguns anos antes da Revolução Francesa – mais especificamente em 1785 – o Marquês de Sade escreve na introdução de um de seus mais importantes e característicos textos, *Os 120 dias de Sodoma*:

Esta é a história de uma magnífica refeição em que seiscientos pratos diversos serão oferecidos a teu apetite. Apreciarás todos? Não, sem dúvida! Mas este número prodigioso ampliará os limites de tua escolha, e, encantado por esse aumento de faculdades, não te atrevas a repreender o anfitrião que te presenteia. (Sade, 2006, p. 63)

Em seguida, inicia-se o romance-catálogo com as mais diversas e variadas práticas,

* Autor do livro *Das maravilhas e prodígios sexuais – a pornografia “bizarra” como entretenimento* (São Paulo, Annablume/Fapesp, 2006).

desejos e, principalmente, conceituações a respeito do que hoje chamamos de sexualidade e erotismo.

Com a tomada do poder político pela burguesia na mais importante capital cultural do período, complementando seu já estabelecido poder econômico, também se estabelece uma profunda mudança nos valores relativos ao campo dos prazeres e deleites sensuais. Assim, com o fim do chamado “Antigo Regime”, todo um modo de vida, uma ética, uma estética e, principalmente, uma “erótica” encerram-se com ele.

Saem de cena os debochados, entram os perversos e pervertidos sexuais. O libertinismo decidido do Marquês transforma-se (e fragmenta-se) nas “psicopatias” de Krafft-Ebing e nas “aberrações” de Freud. A tal “sexualidade” deixa de ser um assunto filosófico-político e se torna uma questão científica. O que até então se afigurava como pertencente ao universo da fantasia desviada, agora é estudado como realidade concreta do cotidiano burguês. Surge então, nos termos de Foucault (1988), a nossa “ciência sexual”.

Neste período, o final do século XIX, a também chamada “questão sexual” é inicialmente uma discussão monopolizada pelas ciências biomédicas e psíquicas. Sob essa perspectiva, se cria e se estabelece o padrão heterossexual (e heteronormativo) compreendido como “natural”, “universal”, “normal” e “da maioria”, gerido por um “imperativo

biológico” que objetiva a procriação. A grande questão então é conhecer, para evitar, os “desvios”, as “perversões” desse padrão culturalmente inventado e naturalmente justificado.

Apenas a partir do último terço do século XX, acompanhando a onda dos muitos movimentos identitários e sociais de caráter mais libertário, que as disciplinas acadêmicas como as Ciências Sociais e a História vão entrar nesta discussão, tornando-se hoje parte imprescindível deste debate. Procura-se estudar então os valores socioculturais e históricos, além das estratégias de poder que criam, sustentam e redimensionam a naturalização, universalização e normalização de certos conceitos, práticas, desejos e relações afetivo-sexuais em detrimento de outras.

E é sob esse viés que a antropóloga Maria Elvira Diaz-Benítez e o sociólogo Carlos Fígari organizaram e agora nos oferecem um novo banquete (com certeza, mais próximo da ciência da nutrição que da arte da gastronomia, mas não por isso menos saboroso).

Originado das pesquisas apresentadas no Grupo de Trabalho “Corpos, desejos, prazeres e práticas sexuais “dissidentes”: paradigmas teóricos e etnográficos” da VII Reunião de Antropologia do Mercosul e mais tarde incorporando outros estudiosos, *Prazeres Dissidentes* é uma coletânea de pesquisas sobre sexualidade e gênero feitas atualmente na América Latina, em especial no Brasil, dentro da área de Ciências Sociais, Saúde e mesmo Filosofia.

O livro nos serve ao todo 22 saborosos textos divididos em cinco partes. O que podemos chamar de primeira parte, conta com o Prefácio de Adriana Piscitelli – onde a autora

nos brinda com uma refinada e abrangente análise do contexto acadêmico maior em que estes trabalhos estão inseridos; a Introdução dos organizadores e uma reflexão teórica de Vitor Grunvald discutindo as ideias da filósofa norte-americana Judith Butler, em especial o desenvolvimento e os limites do conceito de abjeção, conceito este fundamental nas obras desta autora que é uma das principais representantes dos *Queer studies*.

A partir do final da década de 80 do século XX, dentro dos estudos sociológicos e filosóficos conhecidos como pós-feministas e pós-estruturalistas, desenvolvem-se, como um tipo de filho bastardo dos estudos de gênero e dos *Gay and lesbian studies*, em especial os norte-americanos e com forte influência militante, os chamados *Queer studies* (Gamson, 2002). Em inglês, o termo *queer* significa estranho, esquisito, algo próximo ao anormal e aberrante, sendo também uma gíria agressiva para gays, lésbicas ou todas as pessoas que não seguem as orientações heterossexuais e desestabilizam os padrões de gênero dominantes. No Brasil, este termo seria próximo aos nossos “viado” ou “bicha”, tão comuns quanto cotidianos em nosso vocabulário.

Neste sentido, o termo *queer* é usado intencionalmente para expressar de maneira clara a violência simbólica de sexo/gênero que não apenas a linguagem carrega, mas que é constitutiva da própria estrutura conceitual binária que separa homens/mulheres, homo/hetero (ibid.). Ao assumir o uso da palavra *queer* como um campo de estudos sobre o que

é degradado e degradante nas relações sociais, coloca-se em xeque o próprio conceito de humanidade segundo estes padrões.

Estes estudos têm como objetivo a crítica a pressupostos universalizantes e naturalizados sobre “A mulher”, “O homem”, “Corpo”, “Sexo” e as dualidades sexo/gênero, masculino/feminino, ativo/passivo, homo/hetero e natureza/cultura, mostrando as fissuras e contradições destes padrões socialmente reguladores. Da mesma maneira, procuram questionar os essencialismos e os próprios conceitos de sujeitos e identidades como algo fixo e “interior”, alheios ao próprio processo histórico e discursivo que os constitui, além de criticar as vertentes que buscam a assimilação social através de valores normativos.

Talvez seja possível afirmar que o foco principal dos estudos *queer* seja desessencializar os pressupostos teóricos essencialistas, tais como muitos dos encontrados na medicina e em algumas linhas das ciências da psique, e desconstruir os discursos construcionistas, pois estes, em especial nas ciências sociais, partem de uma separação natureza/cultura, sexo/gênero, como se existisse um corpo pré-discursivo e “natural” no qual uma cultura, externa a este corpo, o moldasse conforme suas regras. Mesmo quando de maneira indireta, os Estudos Queer são uma forte referência e uma constante fonte de diálogo com as pesquisas sobre sexo/gênero da atualidade.

A segunda parte, intitulada *Corpos e interações de fronteira*, agrupa pesquisas que têm como uma das características principais a idéia de “limite” ou “fronteiras”, com suas constantes sujeições, transgressões e negociações. Como analisaram tanto Mary Douglas

(1976) quanto Mikhail Bakhtin (1987), é nos limites e extremos do corpo social ou biológico, coletivo ou individual que reside o impuro, o caos, o perigo e, justamente por isso, também a potência que alimenta a excitação curiosa e receosa sobre o desconhecido e o proibido.

É também desta parte em diante que sentimos o intenso sabor de um dos ingredientes principais deste livro, preciosidade e tempero especial das Ciências Sociais (em especial da Antropologia) cujo aroma e consistência torna esta obra picantemente saborosa: as pesquisas de campo. O universo pesquisado pelos autores está presente não apenas nos relatos e nas análises, mas também nos sons, cheiros, imagens, atritos, gostos e desgostos que são possíveis perceber através e além das descrições que perpassam períodos históricos e regiões geográficas¹. Carinhos doces, risos amargos, perfumes azedos, trocas salgadas e inclusive medos apimentados, todos estes nuances do paladar intelectual podem ser encontrados nos pratos/textos que se seguem.

Sentimos então os angustiantes e estimulantes relatos dos autointitulados T-lovers, homens que sentem atração afetivo-sexual por travestis e que, sentindo-se muitas vezes envergonhados e confusos por tal desejo, lutam consigo mesmos para negociarem e manterem seus ideais de “masculinidade”, conforme analisa Larissa Pelúcio. Anna Paula Vencatto discute os dilemas, deleites, impasses e prazeres do cotidiano de homens que

1 Não citarei nesta resenha a grande maioria das cidades e regiões onde foram feitas as pesquisas de campo para que o leitor possa ter o prazer de descobrir este sabor regional por si próprio.

praticam o *crossdressing*, ou seja, vestem-se e comportam-se como mulheres em determinados períodos da vida, de acordo com as expectativas referentes ao gênero feminino, analisando como esta “montagem” é negociada com parentes, cônjuges ou colegas de trabalho. É também em relação a travestis e jovens gays que se vestem de acordo com as roupas e as convenções de gênero femininas que Leandro de Oliveira discute as interações sexuais em uma boate entre os indivíduos representantes de uma “verdadeira” masculinidade, reconhecidos principalmente por suas atitudes, e aquelas pessoas que encarnam a feminilidade. Os comportamentos, ações, reações e reflexões de um grupo de mulheres frequentadoras de uma casa de *shows* de *strip-tease* é o tema de Marion Arent, pesquisando como os *stippers* masculinos e sua plateia feminina e predominantemente heterossexual lidam com o jogo de sedução que envolve tal entretenimento erótico ao vivo. Já Regina Coeli Machado e Silva reflete sobre a moderna literatura erótica brasileira e seu gosto pela impureza, onde as narrações envolvendo corpos distantes de nossos atuais padrões de “beleza” ou “saúde” procuram ressaltar situações, relações ou mesmo pessoas compreendidas como malditas, nos limites do que pode ser reconhecido como humano.

Na terceira parte, *Encontros ao avesso*, nos deparamos com trabalhos que possuem a estigmatização e o segredo como componentes históricos e constantemente redimensionados. São pesquisas onde o campo é recheado de tabus: entre masculinos e femininos, espaços físicos, desejos e práticas. Tabus que não necessariamente proíbem ou constroem

(embora estas dimensões não estejam de todo ausentes), mas também organizam encontros (e desencontros) de modos ao avesso de que os tradicionais discursos sobre as relações “boas”, “sadias” e “normais” exigem.

Desta forma, degustamos os trabalhos como o de Camilo Albuquerque de Braz, que faz uma reflexão sobre os clubes de sexo para homens onde o anonimato dos parceiros sexuais e a importância da categoria “masculinidade” são elementos que se entrecruzam com outros marcadores de diferenças, tais como classe social, idade e cor de pele/raça, com suas possíveis relações gerando distintas sociabilidades que questionam, transgridem ou mesmo ressignificam a inteligibilidade e validade dos dualismos homo/hetero, masculino/feminino. Elisiane Pasini analisa as relações entre homens e mulheres em uma região tradicional e geograficamente demarcada como área de prostituição feminina. A autora procura enfocar como se dá o desenvolvimento e o lugar do masculino nesta configuração na qual toda uma sociabilidade com seus códigos de comportamento específicos são desenvolvidos. Os locais públicos de sexo anônimo entre homens são o tema de Alexandre Eustáquio Teixeira. O autor busca compreender as dinâmicas entre idade e, principalmente, de classe social que direcionam e legitimam estes encontros, constantemente subordinados às concepções de “limpeza” e “segurança” representativas ou não de determinados locais ou parceiros. Sandra Maria Nascimento Souza nos apresenta as memórias de mulheres que trabalharam como prostitutas nas décadas de 50, 60 e 70 do século XX. Assim, a pesquisadora nos apresenta os

jogos e contradições entre os discursos e as práticas que envolvem a moral e as fantasias sexuais, tanto por parte dos clientes quanto das antigas profissionais do sexo.

A quarta parte trata da delicada questão das identidades e identificações onde o outro, apesar de muitas vezes visto como ameaçador, torna-se o oposto constitutivo e organizador de posições e estratégias identitárias e sociais que, longe de serem fixas ou imutáveis, mostram-se constantemente em deslocamento e negociação, gerando *Sociabilidades fluidas*.

Desta forma, Regina Facchini analisa as relações entre mulheres homossexuais e suas várias formas de nomeação e autoclassificação, levando em conta o cruzamento de categorias como classe, idade, cor/“raça” e gênero, sendo esta última uma categoria-chave para o desenvolvimento de distinções e legitimações entre o universo pesquisado. Carolina Parreiras estuda uma comunidade virtual de homens homossexuais no Orkut, e como se dá a formação e diferenciação de personas virtuais baseadas em ideais de masculinidade associados ao universo do racional e da praticidade (“machos”, “viris”) e feminilidade, associada a um forte investimento na afetividade (“fêmeas”, “delicados” e “meigos”). Os jogos de sedução entre mulheres homossexuais e as vicissitudes da pesquisa de campo onde a própria pesquisadora tem que constantemente avaliar sua posição epistemológica são o tema do artigo de Andrea Lacombe. As relações entre o mercado GLS, a estética *black* e a cultura do samba fazem parte da reflexão de Isadora Lins França, mostrando como a questão da homossexualidade masculina, gênero, cor/“raça” e classe podem se

transformar em vantagens ou desvantagens dependendo dos modos de consumo e dos agenciamentos que podem ser feitos pelos sujeitos da pesquisa.

Por fim, chegamos à quinta e última parte, talvez a mais difícil de engolir para os paladares menos acostumados aos sabores historicamente tidos como transgressivos ou perigosos. É aqui onde os pratos mais “estranhos”, “incomuns” ou no mínimo “exóticos” serão servidos. São estes talvez os ingredientes mais distantes da nossa culinária erótica quando vista como “convencional” ou cotidiana. Temperos de terras distantes, receitas fascinantes mas obscuras, misturas incertas provocando os prazeres dos extremos, das transgressões, das dissidências.

Claude Kappler (1994) afirma que os monstros em nossa cultura residem principalmente nos limites. Limites das terras conhecidas, dos ideais cultivados por um povo e uma época, dos saberes acumulados, do conceito de humano. Esta parte do livro irá lidar com desejos, práticas e principalmente algumas das pessoas que, atualmente, são as mais próximas de encarnar a figura do monstro sexual, justamente pela capacidade de questionar os padrões culturais dos limites da sexualidade dita “normal” ou “sadia” e de seus prazeres, expressos através de uma série de *Jogos proibidos*.

Assim, Carlos Figari trabalha com relatos de práticas de incesto consentido, tanto entre homens quanto mulheres, e como as lembranças destas práticas são ressignificadas com o passar dos anos. Alessandro José de Oliveira analisa os discursos de uma ex-tinta comunidade de pedófilos no Orkut,

mostrando como, em diálogo com os saberes psiquiátricos, os membros da comunidade procuram se distanciar da concepção de patologia psíquica através da criação de uma outra categoria, a de “*boylover*”. O BDSM, sigla êmica para o que as ciências da psique chamam de sadomasoquismo, é analisado por Bruno DallaCort Zilli, refletindo sobre como se dá o distanciamento dos adeptos destas práticas com as caracterizações de “parafilia” encontradas tanto no DSM-IVr quanto na CID-10 através, principalmente, da noção de “consentimento”. A pornografia autointitulada “bizarra” é tratada em três de suas variações: o sexo com excrementos, a prática de fumar durante o ato sexual como uma transgressão erótica em si e o chamado “abuso facial”, relacionando a produção pornográfica com certos discursos sobre a guerra e a violência institucionalmente legal e tida como socialmente “necessária”, conforme o texto de Jorge Leite Jr. Com Esteban Andrés Garcia temos uma análise do *barebacking* e dos *barebackers*, a prática e os homens que fazem sexo entre si sem a proteção da camisinha pelo prazer do risco de contrair o vírus HIV, refletindo sobre o quanto esta “onda” pode ou quer se tornar um movimento político, discutindo diretamente com as campanhas de prevenção à AIDS e o “terrorismo biológico” subjacente a muitas delas. Para encerrar o banquete, Maria Elvira Diaz-Benítez nos serve uma reflexão sobre a produção pornográfica brasileira atual, focando especificamente a gravação de uma cena de “orgia carnavalesca”, onde os clichês tradicionais do gênero pornô são requisitados, transgredidos e novamente reafirmados.

Assim, este livro se revela como um panorama dos trabalhos feitos atualmente por uma nova geração de estudiosos nas áreas de sexualidade e gênero, ajudando a consolidar este campo principalmente nas Ciências Sociais, além de ressaltar a importância de um novo *locus* de investigação, a internet, que é ao mesmo tempo tanto uma ferramenta quanto um espaço de pesquisa com especificidade própria, fundamental em muitos dos artigos.

Desta forma, percebemos que os textos não procuram “disfunções” de uma pressuposta “função” sexual, “transtornos” de gênero, “perversões” da psique, “desvios” do comportamento, “doenças” da anatomia, “parafilias” ou “pecados”. O foco central é justamente como a dinâmica entre poderes e sujeitos pode criar jogos com regras internas, legitimações próprias e vulnerabilidades específicas, gerando inclusive as próprias bases conceituais do que pode ser considerado como “desvio”, “transtorno” ou “dissidência”.

Mas nem tudo são delícias. Depois de digeridos os textos, resta um gosto estranho, que não compromete nem um pouco a exuberância e o deleite dos pratos, mas é suficientemente forte para não ser esquecido: a percepção de que, mesmo no interior de grupos estigmatizados e excluídos, o estigma e a exclusão se atualizam e se redimensionam, gerando quase um processo de autofagia de desejos e sociabilidades desenvolvidas a tão duras penas. Ainda assim, nada que cause azia ou má digestão, pois vemos que novas formas de resistência também são constantemente criadas, tornando-se um ingrediente fundamental nas disputas por poder e legitimidades sociais.

Como um banquete – não tão gigantesco como o de Sade, mas uma fãrtura para nosso comedido e modesto paladar atual – este livro merece ser degustado intelectualmente não para saciar nossa fome, mas para aumentar nossa vontade de comer.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail (1987). *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec/UNB.
- DOUGLAS, Mary (1976). *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- FOUCAULT, Michel (1988). *História da Sexualidade I – A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- GAMSON, Joshua (2002). “Deben autodestruirse los movimientos identitarios? Um extraño dilema”. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida (ed.). *Sexualidades transgresoras – uma antologia de estúdios queer*. Barcelona: Icaria.
- KAPPLER, Claude (1994). *Monstros, Demônios e Encantamentos no Fim da Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes.
- SADE, Marquês de (2006). *Os 120 dias de Sodoma*. São Paulo: Iluminuras.

Recebido em 15/12/2009; Aprovado em 8/2/2010.